

A J 02246

Instituto Jones dos Santos Neves
Biblioteca

Cidades.

Disputa
para fazer
o bemJovens da Assembleia de Deus de Bela Aurora, em Cariacica, fazem gincana e contabilizam a arrecadação de quase 2t de alimentos, 2 mil roupas e 2 mil litros de leite. *Página 12*EDITORA:
CINTIA ALVES
calves@redgazeta.com.br
Tel.: 3321.8446
agazeta.com.br/cidades
gazetacidades

REFLEXO NA NOTA

PRECONCEITO NA ESCOLA

Alunos brancos e não brancos têm diferença de desempenho

PRISCILLA THOMPSON
ppessini@redgazeta.com.br

Estudantes negros da rede pública estadual têm apresentado desempenho inferior ao dos alunos brancos no Programa de Avaliação da Educação Básica (Paebes), realizado pela Secretaria de Educação do Espírito Santo. É o que mostra um estudo realizado por um grupo de pesquisadores da Universidade Federal de Juiz de Fora, em Minas Gerais, com base nos dados do Paebes de 2009 e 2010. Em algumas séries e disciplinas avaliadas, a diferença chega a 27 pontos.

O estudo foi coordenado pelo Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação (Caed) da universidade, que é responsável pela elaboração das provas do Paebes. Uma das autoras da pesquisa, a doutoranda em Sociologia Juliana Frizzoni Candian, explica que os estudantes negros – englobam-se aqui os pardos e os pretos, classificações feitas pelo IBGE – apresentam desempenho menor mesmo quando comparados com outros alunos de iguais condições socioeconômicas.

“Por muito tempo, pensava-se que as diferenças de desempenho eram reflexos apenas das desigualdades sociais, mas há também uma desigualdade racial. Longe de dar a entender que os negros têm dificuldades cognitivas, queremos mostrar que eles enfrentam condições desfavoráveis de aprendizado.”

MATEMÁTICA

A maior diferença foi na disciplina de Matemática do 5º ano do ensino fundamental. Em 2009, os estudantes pretos tiraram até 27 pontos a menos na pro-

DESIGUALDADE NA SALA DE AULA



A pesquisa comparou o desempenho pela cor de crianças na mesma faixa de condição social. A faixa varia de 1 a 4

1 2 3 4
a pior a melhor

e leva em conta o acesso a bens, livros e outros indicadores, como a escolaridade dos pais

5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL (PAEBES 2010)
PORTUGUÊS

Condição social	Branco	Não branco
1	188,5	184,7
2	190,6	187,9
3	200,0	192,3
4	212,9	201,3

A diferença chega a **11,6 pontos**. Em 2009, chegou a **20,42 pontos**, entre pretos e brancos, e a **13,74 pontos** entre pardos e pretos

MATEMÁTICA

Condição social	Branco	Não branco
1	200,3	193,1
2	203,7	196,8
3	216,0	202,2
4	228,6	213,3

A maior diferença foi de **15,2 pontos**. Em 2009, chegou a **27,14 pontos**, entre pretos e brancos, e a **19,82** entre pardos e pretos

9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL (PAEBES 2010)
PORTUGUÊS

Condição social	Branco	Não branco
1	237,9	229,7
2	240,3	231,1
3	247,9	235,7
4	259,2	242,9

A diferença chegou a **16,3 pontos**. Em 2009, foi de **23,01 pontos**, entre pretos e brancos, e de **11,44** entre pardos e pretos

MATEMÁTICA

Condição social	Branco	Não branco
1	251,4	240,1
2	253,4	239,8
3	261,3	245,6
4	278,1	255,5

A maior diferença foi de **22,7 pontos**. Em 2009, chegou a **25,78 pontos**, entre pretos e brancos, e a **16,91** entre pardos e pretos

3º ANO DO ENSINO MÉDIO (PAEBES 2010)
PORTUGUÊS

Condição social	Branco	Não branco
1	262,5	253,4
2	268,7	261,1
3	273,7	265,1
4	282,0	270,1

A maior diferença encontrada foi de **11,9 pontos**. Em 2009, o 1º ano foi analisado, e constatou-se uma diferença de até **22,31 pontos**, entre brancos e pretos, e de até **9,23 pontos** entre pardos e pretos

MATEMÁTICA

Condição social	Branco	Não branco
1	275,6	259,1
2	282,1	266,7
3	287,6	272,2
4	298,3	279,1

A maior diferença encontrada foi de **19,2 pontos**. Em 2009, o 1º ano foi analisado, e constatou-se uma diferença de até **22,63 pontos**, entre brancos e pretos, e de até **7,09 pontos** entre pardos e pretos

A Gazeta - Ed. de Arte - Gilson

va que os brancos, e 19 pontos a menos que os pardos, nas mesmas faixas de condições socioeconômicas.

Em 2010, a pesquisa uniu as notas de alunos pretos e pardos e constatou que a maior diferença também ocorreu em Matemática, mas no 9º ano: os brancos fizeram até 22 pontos a mais que os não brancos.

A pesquisa constatou que as diferenças aumentam à medida que melhoram as condições socioeconômicas. Estudantes negros cujos pais têm maior escolaridade e possuem mais bens materiais – itens usados para medir as condições dos alunos – chegam a ter desempenho igual ao de

estudantes brancos com a pior condição socioeconômica da tabela.

Segundo a pesquisadora, isso mostra que a variação de desempenho é sempre menor entre os negros, mesmo quando as condições socioeconômicas de ambos é melhor.

A pesquisa não analisou os motivos que levam a essa diferença, mas levanta uma hipótese. “É possível que as desigualdades raciais sejam reproduzidas pelos professores na sala de aula, desfavorecendo, de alguma forma, os alunos não brancos. É algo que precisa ser estudado com mais profundidade, em uma outra pesquisa”, diz.

Superar a discriminação:
desafio a ser vencido

“A falta de oportunidades e o preconceito da sociedade acabam se reproduzindo no ambiente escolar. Por isso, segundo a subsecretária de Educação da Secretaria Estadual de Educação (Sedu), Adriana Sperandio, as escolas têm assumido cada vez mais o desafio de promover a valorização da população afrodescendente.

“Nós temos conhecimento dessa diferença de desempenho apontada na pesquisa, mas não podemos separar os alunos do restan-

te da turma para que eles aprendam mais. Todos eles têm condições iguais de aprendizado. O que falta é superarmos o preconceito, na escola e na sociedade.”

Recentemente, cerca de 100 professores passaram por um curso de especialização em Educação Étnico-Racial, da Universidade Federal do Espírito Santo. “Por lei, esses conteúdos devem ser trabalhados em sala de aula. A presença do debate nas escolas é o que pode transformar a realidade.”

A PALAVRA DO
ESPECIALISTA

“EXCLUSÃO
SE
REPRODUZ”

Gilda Cardoso
Especialista em Educação



“Desde a década de 1970, pesquisas apontam que a escola produz e reproduz os processos de exclusão da sociedade, mesmo sem intenção. Isso acontece com a questão racial e com outros tipos de exclusão, como a social e a de gênero. Não há um problema relacionado ao preconceito, diretamente. Mas se o aluno já chega defasado e encontra um professor que não está preparado para recuperá-lo a tendência é que esse professor se empenhe mais em valorizar o aprendizado dos outros alunos. E o processo de exclusão se reafirma e se reproduz. Pensar em cotas raciais pode ser interessante para remediar essa situação. Mas é preciso promover políticas públicas que deem oportunidades iguais para todos.”